



Editorial

Nelson Alejandro García Borrayo
Elias Wolff

Dezessete séculos nos separam do evento conciliar ocorrido em Niceia, no ano de 325. E, no entanto, seu significado não se esgotou, nem sua importância diminuiu. De fato, sua presença constante na liturgia semanal de muitas igrejas localizadas nas diversas regiões do mundo torna sua memória sempre presente na vivência cristã cotidiana. A monumentalidade histórica que adquiriu é notável, mas também se tornou um símbolo cristão marcado pela ambiguidade. Entre outras razões, porque algumas de suas declarações se tornaram ininteligíveis para as gerações atuais da Igreja, sobretudo para quem não acompanha discussões teológicas refinadas, como é a cristologia de Niceia.

A chegada do 1700º aniversário desta antiga e contemporânea profissão de fé, que tentou estabelecer, por meio de conceitos filosóficos, uma linguagem que expressasse aquela relação única entre o Pai e o Filho, traz à tona uma série de debates e problemas relacionados ao que muitos chamam de “helenização do cristianismo”. Uma questão delicada que exige reflexão e exame cuidadoso para elucidar o quanto nos afastamos da experiência cristã original, de raízes fundamentalmente semíticas.

Do ponto de vista ecumênico, a celebração do evento conciliar de Niceia constitui uma oportunidade privilegiada para conjugar esforços que conduzam a experiências interpretativas plurais, recepções teológicas criativas do *Credo niceno* em diversos contextos culturais, comunhão de fé. Em tempos como os nossos, marcados pela sinodalidade, interculturalidade e diálogo inter-religioso, a necessidade de desenvolver hermenêuticas multitemáticas (feitas a partir de diferentes localizações geográficas) que ultrapassem as esferas estritamente intraeclesiais, é um imperativo que não podemos ignorar. E sobretudo agora que temos maior conhecimento e, portanto, maior consciência daquelas vozes cristãs que foram injustamente silenciadas, das experiências de tantas comunidades de crentes em Jesus, o Messias, que foram não apenas marginalizadas, mas até mesmo condenadas pelo poder que a civilização cristã foi adquirindo em contextos imperiais.

O fato de ainda existirem círculos cristãos que não conseguiram, utilizando os recursos culturais, linguísticos e filosóficos fornecidos por suas próprias tradições vitais, tornar a fé nicena compreensível, constitui um verdadeiro desafio hermenêutico para todos(as) os(as)

discípulos(as) de Jesus, para quem professa a fé no Deus Trino. Tudo o que foi dito até aqui torna evidente a relevância do evento conciliar de Niceia, cuja influência está longe de ser relegada a uma mera relíquia do passado. Talvez nossa tarefa e nossa responsabilidade seja renovar nossos odres eclesiais para que o vinho envelhecido da eterna relação entre o Pai e o Filho, proclamado no Evangelho e professado no *Credo niceno*, utilizando os recursos culturais à sua disposição, não os rompa, mas permaneça preservado neles sem cessar, hoje de forma atualizada e crítica.

O presente número da revista *Caminhos de diálogo* visa contribuir para a tarefa de revisitar o Concílio de Niceia e atualizar seu valor para as igrejas do nosso tempo. No *dossiê*, Nelson Alejandro García Borrayo escreve sobre *Alcances interculturales e interreligiosos del Concilio de Nicea: una relectura hecha desde las epistemologías comunales del Sur global*, mostrando desafios a serem enfrentados na hermenêutica atual do *Símbolo de Niceia*, dentre os quais o processo de inculturação de sua linguagem e conteúdo, onde dialogam cultura e fé bíblica. *¿Cuánto ha caminado la teología latinoamericana en el ámbito de la profesión de fe, desde el Concilio de Nicea?* pergunta Herbert Mauricio Álvarez López. O autor entende que em nosso contexto não se prioriza a filosofia para refletir sobre Deus e Jesus Cristo, mas entende-se um Deus mais próximo que onipotente, Jesus que em sua humanidade revela a divindade que fortalece a vida cristã, sobretudo das pessoas mais humildes e mesmo vulneráveis da sociedade atual. Jorge Henrique Barro e Wander de Lara Proença propõem fazer um caminho *Do credo niceno ao Reino de Deus: uma missiologia trinitária para o presente*, numa releitura trinitária do Reino de Deus, de modo que a cristologia nicena é apresentada como chave hermenêutica para compreender a natureza do Reino, evitando reducionismos cristomonistas ou espiritualistas. Marco Strona reflete sobre *La verità è un incontro: riflessioni filosofiche alla luce del Concilio di Nicea*. Dialogando com Søren Kierkegaard e Emmanuel Lévinas, reflete sobre o significado de termos como “Deus”, buscando iluminar vida e pensamento sobre a verdade cristã, e mostra como Niceia faz a transição entre o monoteísmo do Primeiro Testamento ao monoteísmo trinitário. María José Caram escreve e pergunta: *Nicea desde una perspectiva misionológica: ¿un obstáculo para una teología renovada de la misión?* Aqui, a autora parte do Jubileu de 2025 para mostrar como o *Símbolo de Niceia* pode inspirar as igrejas cristãs para realizarem uma missão dialogal, sinodal e decolonizadora. Elias Wolff e Edivaldo José Bortoleto tratam sobre *O Concílio de Niceia para nossos dias: uma leitura ecumênica*, mostrando que a doutrina de Niceia propõe uma pluralidade em Deus que desafia a eclesiologia a desenvolver a concepção de uma Igreja plural; desafiam o movimento ecumênico a conceber uma comunhão plural; e desafiam as igrejas em seu conjunto à inserção no mundo plural que hoje vivemos. Michael Canaris conclui o dossiê com a reflexão *“Where deceit and disguise have no place”*: *Dilexit nos as a hermeneutical lens in appreciating the heart of Nicaea*, examinando as contribuições indispensáveis de Niceia através da lente de *Dilexit nos*,

mostrando-a como mais que um empreendimento intelectual; uma teologia trinitária que expressa e demonstra o “cerne” da fé cristã.

Na seção de *artigos gerais*, Thiago Avellar de Aquino e Amanda Karla Diniz Liberato Chaves apresentam pesquisa sobre *Espiritualidade e enfrentamento do sofrimento: vivências de cuidadores de crianças e adolescentes com câncer*, mostrando como espiritualidade pode ter efeitos positivos na saúde física e mental das pessoas; Allan Macedo de Novaes afirma em seu artigo que *O fim (ainda) não chegou: uma análise comparativa do discurso religioso sobre a gripe espanhola de 1918 e sobre a pandemia de COVID-19 em periódicos da Igreja Adventista do Sétimo Dia do Brasil*; concentra seu estudo em observar como os adventistas articulam os elementos escatológicos e sanitários distintos de sua tradição narrativa para explicar as duas crises e se situar em relação a elas. Maria do Desterro Leiros da Costa trata de *Religiosidade e espiritualidade: interfaces com a saúde*, mostrando os desafios para a inclusão da religiosidade e da espiritualidade na formação dos profissionais de saúde, assim como para a sua viabilização nos contextos clínicos e nas políticas públicas. Marta Luciane Fischer, Elias Wolff e Luciana Caetano da Silva escrevem sobre *Somos uma Blue University, e agora?*, mostrando novos desafios ecológicos que se apresentam para a Pontifícia Universidade Católica do Paraná desde conquistou, em 2023, o selo de *Blue University*, o que a integra no conjunto de universidades que primam pelo desenvolvimento de uma consciência hídrica e novas práticas da comunidade acadêmica e da sociedade na promoção da justiça das águas.

Este número da *Caminhos de Diálogo* apresenta, ainda, *recensões* e *crônicas*. Certamente é um importante subsídio de formação teológica, pastoral e social. Boa leitura! ✨